

Relato de experiência de extensão: com que roupa eu vou?

Extension experience report: what clothes should I go with?

Informe de una experiencia de extensión: ¿con qué ropa me voy?

Renan Rodrigues de Almeida
Mariana de Oliveira
Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: O artigo apresenta a experiência pedagógica e gerontológica de uma oficina-piloto de extensão universitária, criada e desenvolvida pelo grupo EAPS/USP. O objetivo central da oficina foi explorar a construção da aparência e seus significados ao longo do processo de envelhecimento das nove participantes idosas, sob a monitoria individualizada de alunos de graduação, pós-graduação e profissionais convidados. A experiência apontou o potencial da variável aparência no âmbito da gestão gerontológica, capaz de sensibilizar e promover reflexões a respeito da diversidade do envelhecimento e o debate de mitos e estereótipos da velhice.

Palavras-chave: Envelhecimento; Aparência; Extensão.

ABSTRACT: *The article presents the pedagogical and gerontological experience of a university extension pilot workshop, created and developed by the EAPS/USP group, Brazil. The main objective was to explore the construction of appearance and its meanings along the aging process of the nine elderly participants, under the individualized monitoring of undergraduate and postgraduate students and invited professionals. The experience showed the potential of the appearance variable in gerontological management, being capable of sensitizing and promoting reflections about the diversity of aging and the debate of myths and stereotypes of old age.*

Keywords: *Aging; Appearance; Elderly.*

RESUMEN: *El artículo presenta la experiencia pedagógica y gerontológica de un taller piloto de extensión universitaria, creado y desarrollado por el grupo EAPS/USP, Brasil. El objetivo principal fue explorar la construcción de la apariencia y sus significados a lo largo del proceso de envejecimiento de los nueve mayores participantes, bajo el asesoramiento individual de estudiantes de grado y posgrado y profesionales invitados. La experiencia señaló el potencial de la variable apariencia en la gestión gerontológica, de manera a ser capaz de sensibilizar y promover reflexiones acerca de la diversidad del envejecimiento y el debate sobre mitos y estereotipos de la vejez.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Apariencia; Mayores.*

Introdução

O artigo relata a experiência-piloto da oficina pedagógica e gerontológica de extensão universitária intitulada Envelhecimento e Aparência: com que roupa eu vou?, realizada na Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). A proposta foi criada e desenvolvida pelo grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Andrea Lopes. Os encontros foram realizados semanalmente ao longo do primeiro semestre de 2018.

O EAPS foi fundado na EACH/USP em 2009. Tem como objetivos investigar e promover a temática Envelhecimento e Aparência no âmbito das variáveis socioculturais. Na instituição, o grupo ainda coordena duas disciplinas de graduação, sendo a primeira obrigatória em Gerontologia, denominada Aspectos Socioculturais do Envelhecimento. A segunda é optativa livre e intitula-se Envelhecimento e Aparência, oferecida conjuntamente ao curso de Têxtil e Moda.

O presente relato baseia-se na contínua coleta de dados acerca das ações, debates, reuniões de supervisão e resultados vivenciados na experiência-piloto. A seguir, será apresentada a estrutura da oficina: objetivos, participantes, formato pedagógico e atividades desenvolvidas a cada encontro. Ao final, apresenta-se uma tabela que sintetiza a experiência.

Mesmo que a coleta não tenha sido metodologicamente sistemática, visto que foi realizada pelos monitores de maneira espontânea e voluntária, destaca-se que o relato

busca registrar pistas e possibilidades de desdobramentos que a oficina motivou. Destaca-se que os dados também não foram discutidos em profundidade, por não ser o foco deste relato, apenas sob a luz de bibliografia básica utilizada pelo grupo e apresentada ao longo do relato. Uma avaliação mais rigorosa envolvendo a experiência de idosos e monitores deve acontecer em uma nova versão, com o auxílio de um bolsista de iniciação científica. Há a intenção de realizar uma próxima oficina apenas com homens idosos e, no ano seguinte, envolvendo diferentes identidades de gênero e perfis socioeconômicos.

Envelhecimento e Aparência: com que roupa eu vou?

O objetivo central da oficina Envelhecimento e Aparência: com que roupa eu vou? foi envolver e sensibilizar as idosas para os aspectos socioculturais relacionados à construção e significados da aparência ao longo do envelhecimento e, sobretudo, na velhice. No total, reuniram-se nove idosas com diferentes perfis socioeconômicos. Cada uma foi acompanhada semanalmente pelo(s) mesmo(s) monitor(es) ao longo de um semestre letivo.

A oficina contou com 15 monitores voluntários, igualmente de diferentes perfis socioeconômicos, sendo 10 provenientes dos cursos de graduação e cinco de pós-graduação. Dentre os alunos da graduação, três colaboraram com a coordenação da oficina, sendo uma delas proveniente do curso de Têxtil e Moda. Destaca-se que, entre os monitores, duas voluntárias eram convidadas externas à universidade. A fotógrafa Marliete Rodrigues, igualmente voluntária, registrou todas as atividades realizadas. Além disso, por estímulo da coordenadora, alguns voluntários realizaram intervenções em diferentes encontros, como palestras e dinâmicas em grupo.

Formato pedagógico de cada encontro: objetivos, atividades e resultados

A oficina totalizou 14 encontros de duas horas semanais, intercalados entre aulas teóricas e práticas. Destaca-se que, após cada encontro, quando possível e necessário, eram realizadas reuniões de supervisão, em torno de 30 minutos, sob liderança da coordenadora.

A proposta foi organizada em três partes: (1) familiarização, sensibilização e criação de vínculos; (2) caracterização da trajetória da aparência e seus significados; (3) construção da aparência na velhice presente e futura. Os encontros foram cunhados especialmente na abordagem gerontológica do envelhecimento. Os seguintes paradigmas antropológicos serviram de base para a construção das aulas teóricas: cultura (Cuche, 1998), construção sociocultural (Debert, 2012), interdependência (Elias, 1994) e heterogeneidade (Neri, 2007). O conceito de aparência que norteou as discussões e reflexões será apresentado adiante. A seguir, será descrito cada encontro.

1º Encontro: Apresentação

No primeiro encontro foram apresentados os integrantes do grupo EAPS, a proposta da oficina, os monitores voluntários e as idosas, que também sinalizaram suas expectativas quanto à experiência. Ressalta-se que a coordenadora pediu que cada integrante indicasse um talento, que foi estimulado a ser compartilhado ao longo dos encontros, diversificando, dinamizando e personificando a oficina.

Um idoso e uma idosa compareceram à oficina sem realizar inscrição, revelando o interesse de mais idosos da UATI pela temática. Entretanto, como não havia monitores suficientes para acompanhá-los, os dois idosos não puderam participar. Nesse sentido, destaca-se que, ao término do semestre, além de pedir a continuação da oficina, as idosas insistiram na realização de uma segunda edição, envolvendo ainda outros tantos colegas que não puderam participar da versão-piloto e que foram ficando muito motivados com os relatos semanais que as participantes compartilhavam.

Esse destaque é mencionado, pois revela o interesse de participação por parte dos mais diversos idosos em atividades envolvendo a temática Envelhecimento e Aparência. De modo geral, a convivência com os idosos fez notar a quase ausência de espaços de informação, debate, educação significativa e reflexão sobre questões envolvendo a construção da aparência, sobretudo na velhice.

Nesse encontro, as participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após leitura em grupo, foram esclarecidas e acordadas as proposições do termo, recebendo assinatura das idosas.

A coordenadora, após a apresentação da oficina, indicou quais conceitos teóricos iriam estruturar a proposta, tratados no próximo encontro. Na sequência, foram realizadas

fotos individuais — para efeito de registro inicial — e com grande parte do grupo, inclusive os dois idosos extras interessados, como mostra a Figura 1:

Figura 1: Maioria dos participantes da oficina e dois idosos interessados



Fonte: Renan Rodrigues de Almeida (2018)

Por fim, a montagem dos grupos de trabalho foi organizada na primeira reunião de supervisão. Os monitores, com base no perfil e expectativas das idosas, sugeriram com quais participantes gostariam de trabalhar ao longo do semestre.

2º Encontro: Envelhecimento e Velhice

No segundo dia da oficina, foram apresentados pela coordenadora e discutidos com todo o grupo o conceito gerontológico de Envelhecimento e o antropológico de Velhice. Sentados em roda, iniciou-se a aula teórica com a pergunta norteadora: envelhecimento é sinônimo de velhice?

A coordenadora compartilhou que, do ponto de vista gerontológico, o envelhecimento é um processo dinâmico, singular e multifatorial que ocorre durante toda a vida (Neri, 2014). Ele é caracterizado por alterações biológicas, psicológicas e socioculturais (Santos, 2004; Netto, 2016). Uchôa, Firmo, & Lima-Costa, 2002), fundamentados em Corin (1985)¹, entendem que o envelhecimento tem sido categorizado e representado nas interações entre cultura, indivíduo e marcadores biológicos. Os aspectos socioetários, portanto, são constituídos nessa dinâmica. Para efeitos da oficina, indicou-se a noção de que a velhice é uma categoria etária construída socioculturalmente

¹ Corin, E. (1985). Définisseurs culturels et repères individuels: le rapport au corps chez les personnes âgées. *International Journal of Psychology*, 20, 471-500.

(Uchôa, Firmo, & Lima-Costa, 2002; Debert, 2012; Prodanov, & Reinke, 2016), sinalizando que, no Brasil, define-se que velho é a pessoa com 60 anos ou mais de idade (Brasil, 2010).

Ao abrir a discussão, uma participante manifestou o sentimento de não pertencimento à velhice, apesar de possuir mais de 60 anos de idade. Defendeu que seu comportamento, ou melhor, seu modo de pensar, estava relacionado a segmentos sociais mais jovens: *“Eu não me vejo assim [...] na velhice. Eu tenho uma outra cabeça”*. Outra participante relacionou velhice ao fim da vida: *“A gente tá assim, alegre [...] mas a gente sabe que tá chegando [a velhice]. O fim do túnel”*. Para Netto (2016), essa relação pode corresponder a uma visão exclusivamente biogerontológica, cujo envelhecimento leva apenas à percepção de perdas de natureza capacidade funcional (Netto, 2016). Para Machado e Oliveira (2015), envolve a negação da velhice como reação à exclusão social que as pessoas velhas ainda vivem. A coordenadora ouviu a todos e convidou as participantes a experimentarem a oficina a partir desses dois conceitos teóricos apresentados.

Após a aula teórica, foram anunciados os grupos de trabalho e realizada uma dinâmica fora da sala de aula. Os grupos se espalharam pelo corredor do respectivo andar, se posicionando lado a lado, de mãos dadas (Painel 1):

Painel 1: Dinâmica entre monitores e idosas sobre lembranças significativas da aparência ao longo da vida



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Começando com as idosas, cada integrante dos grupos deveria compartilhar a recordação mais antiga seguida de outra mais recente da vida, cuja própria aparência foi

muito significativa, relatando como estava vestido, qual era a situação, quais os motivos e significados da lembrança. Seguindo essa lógica, idosos e monitores compartilharam suas memórias gerais sobre a aparência, buscando se reconhecer nesse processo. A cada informação davam um passo à frente, intercalando as falas. A proposta visou a: (1) sensibilizar e estimular a memória para a temática; (2) apresentar informações sobre as trajetórias das aparências, buscando familiarizar o(s) parceiro(s) de grupo; (3) oportunizar a aproximação e a construção de empatia e confiança; e (4) revelar a aparência atual como fruto de um percurso que vem se dando ao longo do envelhecimento, repleta de sentidos e mensagens.

Ao final, todos retornaram à sala e fizeram um debate sobre os conceitos teóricos apresentados, frente à atividade realizada. A dinâmica possibilitou, por fim, a atenção ao conceito de Aparência como um aspecto complexo do envelhecimento, a ser apresentado e discutido no próximo encontro.

3º Encontro: Com que roupa?

O tema da terceira aula foi o conceito de Aparência. Um monitor deu início, ao apresentar a pesquisa realizada por Piccoli, Lopes, Araújo e Graeff (2012). O artigo trata da percepção de idosos que se autointitulavam roqueiros desde a juventude e que percebiam neste estilo uma forma de manifestação positiva de jovialidade. Após discussão, os respectivos grupos foram formados. A proposta foi recuperar os frutos da atividade realizada no último encontro. Perguntou-se às idosas se elas tinham algum estilo com o qual também se identificavam ainda hoje. Buscou-se avaliar com mais cuidado se elas, de alguma forma, negavam a velhice e igualmente reforçavam algum comportamento considerado como típico de segmentos mais jovens (Marcelja, 2012; Prodanov, & Reinke, 2016; Barcelos, Steves, & Slongo, 2016).

As idosas relataram com mais detalhes os elementos que usavam na composição da aparência ao longo do curso de vida. Após esse exercício inicial de aquecimento, a coordenadora apresentou uma síntese já em estágio avançado sobre a revisão de literatura nacional e internacional realizada pelo EAPS, a respeito da temática Envelhecimento e Aparência, atualmente publicado por Yokomizo e Lopes (2019).

A apresentação culminou em um debate, a partir de provocações que levassem as idosas a compartilhar suas próprias percepções, crenças e atitudes relativas às respectivas apresentações pessoais, perante o conhecimento apresentado.

Concluindo o debate, a coordenadora compartilhou que a literatura investigada não era conclusiva quanto a uma noção sobre o conceito de Aparência. Observou-se que oscilava entre as concepções de corpo, beleza, roupa, autoimagem, autoestima, entre outras. Dentre os textos levantados, destacou um estudo do EAPS em um núcleo de convivência para idosos em São Paulo, que apontou que a aparência pôde revelar o caráter heterogêneo da velhice, especialmente no que se refere ao seu universo simbólico (Plens, Domingues, Batistoni, & Lopes, 2012). Destaca-se que a revisão culminou na apresentação e discussão de um conceito original de Aparência, a saber: “conjunto de aspectos físicos, comportamentais, atitudinais, estéticos e simbólicos construídos e externalizados pelos indivíduos ou grupos, compondo sua apresentação pessoal ou coletiva” (Yokomizo, & Lopes, 2019, p. 239).

Dando continuidade, os participantes se dispuseram em círculo para realizar a dinâmica Quem sou eu quando me sinto maravilhosa? Destaca-se que, na semana anterior, todos foram convidados a comparecer, no terceiro encontro, vestidos de forma que se sentissem maravilhosos. A grande maioria aderiu à proposta. Assim, cada participante se direcionou ao centro, apresentando sua vestimenta e respondendo ao principal motivo pelo qual se sentia maravilhoso(a) e uma eventual ocasião marcante que ele(a) estava vestido(a) da mesma maneira (Painel 2). Em seguida, fazia a pergunta: quem era ela quando se sentia maravilhosa? O outro participante era conduzido ao centro do círculo:

Painel 2: Dinâmica “Quem sou eu quando me sinto maravilhosa?”



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Respondendo a essas duas perguntas, uma idosa relatou que se sentia a pessoa mais importante do mundo com seu vestido azul plissado. Compartilhou que a maturidade deu a ela segurança para fazer as “coisas”, e socializar. Outra idosa mencionou: “Assim [apontando para a roupa que estava vestindo], *eu estou pronta pra tudo. Uma pessoa bem resolvida. Me sinto dona do mundo [...] Gosto de calça bem livre prá poder fazer o que quiser*”.

Ao final da apresentação de todos os participantes, ao som das canções do chamado carinhosamente por elas “Rei Roberto Carlos”, iniciou-se o baile, conforme ilustra a Figura 2:

Figura 2: Baile parte da dinâmica “Quem sou eu quando me sinto maravilhoso(a)?”



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Ao término do encontro, observou-se grande euforia entre os participantes, sessões de fotos, manifestações de afeto e elogios múltiplos. Uma das idosas mais tímidas do grupo mencionou que a dança é o momento em que se sentia mais maravilhosa, à vontade, apontando para o próprio vestuário.

Como resultados alcançados, observou-se a sensibilização à autopercepção sobre a construção da aparência e noções positivas de si. Observou-se que, ao compartilhar e ouvir os relatos das colegas e monitores, as idosas se sensibilizaram que a aparência é uma construção sócio-histórica e uma forma de comunicação e pertencimento, voltada a papéis, espaços e expectativas sociais e pessoais (Yokomizo, & Lopes, 2019).

4º Encontro: homens, gregários e simbólicos seres

Este encontro tratou sobre participação, envolvimento, papéis, espaços e expectativas sociais e pessoais criadas, vivenciadas e institucionalizadas socioculturalmente. A coordenadora tratou da noção antropológica que compreende o ser humano como um ser relacional e simbólico (Debert, 2012), destacando-se os resultados de pesquisas que apontam a importância dos vínculos e engajamentos sociais ao longo do envelhecimento e na velhice, em especial (Pinto, & Neri, 2017; Machado, Campos, & Rabelo, 2013; Guerra, & Caldas, 2010).

Os espaços e papéis citados por elas representaram tanto experiências próprias, como possibilidades de acessos para os idosos, em geral. Abrangiam diferentes categorias, como educação, lazer, arte e trabalho. A Tabela 1 indica a síntese dos exemplos citados.

Tabela 1 - Espaços e papéis para idosos de São Paulo mencionados pelas participantes

Espaços	Papéis
Biblioteca	Aluno/leitor
Igreja	Religioso
Incubadora (projetos)	Empreendedor
Academia de dança	Dançarino
SESC	Esportista
Instituições de projetos voluntários	Voluntário
Rua	Corredor

Fonte: Renan Rodrigues de Almeida (2019)

Ressaltou-se que os atuais idosos não têm referências sobre como viver a velhice, um dos períodos cada vez mais longos do curso de vida contemporâneo, devido ao aumento da expectativa de vida (Gorzoni, & Fabbri, 2013). Isto é, identificam como ausentes uma gama de modelos que podem contemplá-los em suas diferenças e orientá-los socialmente de forma significativa e inclusiva nesse período da vida (Marcelja, 2012;

Silva, 2008; Rodrigues, & Soares, 2006). Uma participante completou: “*Nós [os velhos] somos as experiências. Nós estamos sendo as cobaias*”.

Para outra participante, a chegada à velhice provocou um novo sentido sobre o cumprimento de papéis sociais. Ela mencionou um desejo de promover a representatividade social da velhice no momento de vida em que se encontra, entendendo essa oportunidade como o exercício de sua autonomia perante papéis sociais que percebia como simples destinatária: “*Vivi muito cumprindo os papéis [sociais]. Agora faço o que quiser [...]. Eu quero ser uma boa representante dos 60 mais*”.

A noção de representação relatada incluía o trato com a própria aparência, uma vez que a idosa entendia que a forma como se apresentava socialmente comunicava significados e atitudes sobre como é ser velho no século XXI. Espaços e papéis sociais na velhice são condições sociais criadas a partir de crenças, convenções e dinâmicas que coexistem na sociedade. Dando continuidade, a mesma idosa completou: “*as roupas devem contar uma história*”. Nesse elo entre vestimenta e relações sociais, Pires, Vicentini e Avelar (2015, p. 84) afirmam que: “*percebemos o mundo através da nossa roupa e essa, por sua vez, condiciona nossa relação com o entorno circundante*”.

5º Encontro: dia do baú

Para conhecer mais a história de vida das idosas através da construção das aparências, planejou-se o encontro intitulado Dia do baú. As participantes foram convidadas a trazer e revisitar, juntamente com o(s) respectivo(s) monitor(es), objetos, fotos, arquivos e lembranças significativas (Painel 3). Buscou-se relembrar e reconstituir experiências vividas e observá-las sob o âmbito da trajetória da própria aparência. Todas narraram histórias e aspectos da personalidade, ao compartilhar o que haviam trazido e vivenciado ao retomar essas imagens.

Painel 3 – Idosas relembrando momentos da vida através dos seus acervos fotográficos



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Uma delas relatou ser “*mais apaixonada*” por blusas e disse que adorava saltos, embora não os use mais “*devido à idade*”. Ela compartilhou que sempre foi e continua a ser consumista, sendo que esse ato de consumir está ligado a seu nível de autoestima: “*Enquanto eu tô com vontade de comprar, significa que a minha autoestima tá alta*”. Completando, outra idosa também mencionou ter deixado de usar determinadas peças de roupa em razão da idade. Apontou não gostar de usar roupa decotada, pois disse que passou o momento para se apresentar com esse tipo de modelo.

Em síntese, ao refletir com os monitores sobre seu acervo, as participantes observaram e narraram mudanças na aparência ao longo do envelhecimento. A forma de apresentação mudou, conforme mudanças de gostos, transformações do corpo e expectativas sociais quanto a aparência, como a maioria indicou em suas falas.

6º Encontro: os sentidos

As mudanças corporais podem impactar as formas de se vestir (Silva Junior, & Oliveira, 2016) e vice-versa (Araújo, & Leoratto, 2013). Para discutir essa correlação, uma monitora de pós-graduação, fonoaudióloga, fez uma apresentação sobre os cinco sentidos do corpo humano: visão, audição, paladar, olfato e tato. Ela apontou e debateu as alterações orgânicas ao longo do envelhecimento.

As idosas contribuíram ao compartilhar experiências relacionadas às transformações biológicas dos sentidos. Uma idosa mencionou que, antigamente, era “*feio*” usar óculos, devido ao preconceito em torno desse acessório. Já a idosa mais velha da turma relatou a perda de 70% da audição devido a dois infartos. Por isso, necessitou usar aparelho auditivo. Ela informou que sua “*vontade de viver*” era maior que uma “*possível vergonha*” de usar o aparelho. Ao dizer que foi à loja e colocou o aparelho, ela mencionou: “*Parecia que eu estava enxergando, enxergando o som [...]. Me senti assim, muito livre, vivendo outra vez*” (Figura 3).

Figura 3: Participante compartilhando sua experiência com o uso de aparelho auditivo



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

O relato pareceu fortalecer a relação que todas tinham com as próprias perdas, narradas ao longo da oficina. Aproveitando a oportunidade, a monitora apresentou diferentes modelos de aparelho auditivo.

Como resultado da atividade, observou-se que as idosas compreenderam os efeitos que as alterações sensoriais ao longo do envelhecimento podem ter sobre a construção da aparência e seus significados. A monitora ainda destacou que, devido à vergonha e ao preconceito, muitos idosos adiam a busca por diagnóstico de perda auditiva ou mesmo o uso do aparelho, que vem a surtir isolamento. E, infelizmente, com o passar dos anos sem cuidados, são ocasionados danos biológicos irrecuperáveis. Conforme encaminhado pela coordenadora, a gestão da dinâmica construção da aparência e novos significados, mediante diversas transformações, podem trazer ganhos pessoais, sociais e funcionais valiosos para qualidade de vida do idoso. Para fechar, uma idosa sinalizou que há anos havia perdido o paladar e passou a receber suporte da família e amigos, culminando em diversas estratégias de adaptação.

O sexto encontro encerrou a etapa de familiarização do grupo, caracterização geral dos perfis e conceituação teórica. A próxima etapa da oficina dedicou-se ao detalhamento da trajetória construída pelas participantes de suas aparências ao longo da vida, visando relacionar-se com o passado de maneira crítica para, assim, buscar estabelecer uma visão objetiva sobre o atual momento de suas vidas.

7º Encontro: infância

Para dar início às discussões sobre os tradicionais períodos da vida e possíveis mudanças associadas, o sétimo encontro tratou prioritariamente sobre a infância das participantes. A coordenadora contou brevemente sobre os períodos da vida no contexto medieval, apontando que a infância, entendida como categoria social, teve sua construção a partir do século XIII, ainda dinamicamente constituída nos dias atuais (Aries, 2010; Debert, 2012).

Para o encontro, foi solicitado que as idosas trouxessem fotos para compartilhar as histórias da infância e mostrar o que vestiam na época aos respectivos monitores. Uma senhora foi bem detalhista no relato sobre sua aparência quando criança. Ela disse que se vestia com *short*, camiseta e vestido. Seu pai comprava tecido na cidade e a irmã mais velha costurava as roupas. O vestuário que marcou sua infância foi um vestido de chita com fundo verde, elástico, babado e estampa de flor, junto a um sapato vermelho com laço. Em contrapartida, outra contou que sua infância foi marcada por poucas alternativas de vestuário, resumidas a que lhe servia das doações recebidas. Além disso, ela não se lembrava de cores específicas que contemplassem sua infância, nem de cores que gostava.

Posteriormente, para que todos pudessem participar juntos, a coordenadora propôs uma atividade fora da sala de aula. Os participantes foram dispostos em dois círculos, sendo um maior, formado apenas pelos monitores e, internamente, um menor, formado apenas pelas idosas. As senhoras ficaram frente a frente aos monitores, como indica o Painel 4:

Painel 4: Dinâmica sobre a infância



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

A proposta da dinâmica foi que as idosas conversassem com o monitor à frente sobre um momento marcante da infância. Durante as conversas, a coordenadora

interrompia com palmas e dizia para elas rodarem o círculo até que ela mandasse parar. Em seguida, deveriam continuar narrando suas memórias sobre a infância a outro monitor. Assim sucessivamente, até que voltassem à formação original. Destaca-se que a grande maioria dos monitores eram jovens com idades em torno dos vinte anos.

Alguns exemplos de palavras e expressões ditas pelas idosas foram: “brincadeira”, “felicidade”, “banho no lago”, “andar a cavalo”, “aprender a ler pra quê? Tem que ajudar no serviço” e “irmãos, avó, carinho”. Portanto, através da dinâmica e das conversas entre monitores e idosas, estas puderam expor a relação que o estilo e condições de vida levaram durante a infância e possíveis impactos ocasionados na construção da aparência ao longo da trajetória de vida, inclusive, na atualidade.

8º Encontro: da infância à vida adulta

No oitavo encontro, dando continuidade à atividade da semana anterior, as idosas levaram fotografias e contaram para seus monitores algumas histórias das experiências vividas a partir do que consideravam o término da infância. Dentre os relatos até a chegada à vida adulta, passando pela juventude, observaram-se falas sobre comportamento, crenças, oportunidades, frustrações, estratégias, vinculados à construção da aparência feminina e os respectivos papéis esperados socialmente para as mulheres.

Uma idosa disse que, a partir dos 14 anos começou a pintar as unhas, a se “afeminar”. Outra relatou que foi ensinada a se maquiar dos 16 aos 17 anos, quando trabalhou como copeira para uma família e começou a atuar como acompanhante de uma moça que tinha por volta de 20 anos. Uma participante ainda ressaltou o uso do batom durante a juventude e vida adulta e disse que era uma “marca” que permanecia. Para ela, essa característica era um importante indício de quando começou a entender-se mais feminina e mulher, pois relatou que sempre gostou de ser diferente.

Crane (2006) aponta que o mundo do trabalho também é um importante marcador na aparência da vida adulta. Por conviver com muitos homens desde quando ingressou no mercado de trabalho, uma idosa apontou que sua postura e aparência mudaram e se refletiam até então na forma como se apresentava, mesmo estando aposentada. Ela relatou que, desde aquele momento de vida, vinha usando calça social e camisas. No geral, não usava roupas que deixassem à mostra partes do corpo.

Também buscava manter um comportamento sério e introspectivo, que entendia como condizente com o exercício do seu cargo na antiga loja de departamentos Mappin, a qual era localizada no centro da cidade de São Paulo (Figura 4). Crane (2006, p. 22) diz que *"as roupas, como artefatos, 'criam' comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes"*.

Figura 4: Aparência de uma das participantes influenciada pelo mundo do trabalho



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Por fim, as idosas expressaram a mudança na vida delas a partir do momento em que indicaram que começaram a se *"afeminar"*. A apresentação delas no momento de vida atual; portanto, comunica aspectos da personalidade, estilo de vida, papéis e profissão.

9º Encontro: velhice

Para introduzir a discussão da construção da aparência e seus significados no atual período de suas vidas, monitores e idosas dispuseram-se em círculo e a coordenadora, sentada em uma cadeira giratória, posicionou-se no meio da roda. Representando simbolicamente a velhice, perguntou a todos: *"Eu sou velho porque..."*. Para responder à pergunta, cada participante se deslocava espontaneamente ao centro, tocava na coordenadora, argumentava e voltava ao seu lugar, indicando no retorno à próxima pessoa a se manifestar. As falas de todos os participantes intercalaram-se entre aspectos positivos da velhice, como maior tempo para viajar e ter sabedoria, e negativos, como perda de memória e doença (Figura 5):

Figura 5: Dinâmica “Eu sou velho porque...”



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Após a participação de todos, a coordenadora apresentou a provocação daquela atividade. Ainda no centro da roda, ela foi enfatizando a oscilação entre perdas e ganhos da velhice, ancorada nas proposições do psicólogo alemão Paul Baltes (Neri, 2006). Destacou o caráter subjetivo das falas e a ausência de concepções que vinculassem objetivamente a velhice a um período etário, conforme aponta o Estatuto do Idoso (Brasil, 2013). Em seguida, distribuiu uma cópia do Estatuto a cada uma das participantes idosas (Figura 6) e solicitou que, para o próximo encontro, organizassem reflexões, dúvidas e críticas quanto a esse instrumento de proteção à pessoa idosa.

Figura 6: Participante recebendo Estatuto do Idoso da monitora

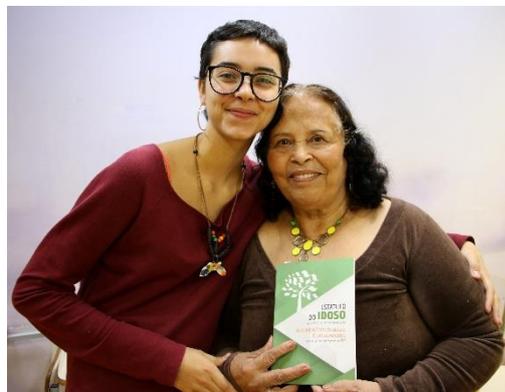


Foto: Marliete Rodrigues (2018)

Para concluir a dinâmica, a coordenadora incentivou uma das idosas a tocá-la e permanecer parada. Com o apoio da cadeira giratória, foi envolvendo um a um, dispondo

o grupo em formato de caracol (Figura 7). Essa ação final serviu para simbolizar: (1) a teia de relações em que todos estão integrados perante os acordos sociais que são estabelecidos; (2) a importância de a pessoa idosa estar presente nos vínculos sociais como participante legítima e ativa, especialmente conhecendo e defendendo seus direitos adquiridos por meio de inúmeras mobilizações ao longo dos últimos 50 anos no Brasil (Lopes, 2000; Rauth, & Py, 2016); e (3) estimular as idosas a se perceberem como parte de um segmento político-etário relevante.

Figura 7: Conclusão da dinâmica: “Eu sou velho porque...”



Foto: Marliete Rodrigues (2018)

Na segunda parte do encontro, as idosas se reuniram com seus respectivos monitores para mostrar fotos, peças de roupas e acessórios que contemplavam o momento atual de suas vidas. Em cada objeto, registrou-se uma história; em cada história, um aprendizado; em cada aprendizado, havia uma roupa portadora de mensagens, expectativas, crenças e atitudes, oportunidades e ausências.

No geral, as idosas relataram muitos aspectos positivos da velhice. Uma delas, aos 64 anos, suspeitando de depressão, começou a sair com as amigas, com incentivo dos filhos. Os encontros a motivaram a retomar a atenção e o autocuidado com a aparência, ainda que tivesse medo de “*ganhar o rótulo de viúva assanhada*”. Ela disse que, na velhice, passou a frequentar a UATI, bingos e bailes e a se preocupar mais como se apresentava socialmente, cuja mudança “*fez com que se sentisse mais jovem*”.

Essa concepção ilustra que a participação social do idoso era concebida por ela como uma ação relacionada e permitida aos mais jovens. Ou seja, muitas vezes, a pessoa idosa, para se sentir pertencente a seu grupo social diferente do esperado para a sua faixa

etária, procura adquirir uma espécie de passaporte geracional, conforme discute Marcelja (2012), quando trata do senso de beleza juvenil nas relações intergeracionais. Debert (1997, 2012) afirma que o mito da juventude eterna e a valorização juvenil reforçam os laços simbólicos que parecem constituir privilégios de relação e poder. Discute ainda a autora trocas relacionais que são intolerantes às diferenças etárias.

Outra relação destacada por uma das idosas na velhice foi a conquista do senso de liberdade, tanto para ocupar seu tempo livre, como na escolha das roupas para frequentar os novos lugares que passou a conhecer. Ou seja, menciona que seus 60 anos foram “*libertadores*” e agora ela pode frequentar a UATI, o Centro de Referência da Cidadania do Idoso (CRECI), o Serviço Social do Comércio (SESC), entre outros espaços. Ressaltou usar, na velhice, roupas mais confortáveis, mas escolhidas pela marca.

Ainda em termos de conforto, algumas idosas comentaram sobre seus calçados. Uma delas disse que usava, então, sapatos mais baixos, mas que ainda estavam “*na moda*”. Porém, quando jovem, usava sempre sapatos com salto alto. Outra idosa também relatou que começou a dar mais valor para o conforto dos pés na velhice e ressaltou que só usava calçados Rainha, pois eles eram “*confortabilíssimos*”. Uma terceira senhora mencionou que depois dos 60 anos entrou na “*fase das Melissas*” e que, além disso, os cabelos brancos deram uma marca a ela.

Os relatos revelaram que as idosas se sensibilizaram ao longo dos encontros quanto à noção de velhice como construção sociocultural e ao próprio momento de vida que estavam vivenciando. Em suma, se dispuseram a debater com mais assertividade os aspectos positivos e negativos da velhice, utilizando o debate em torno das trajetórias das próprias aparências como caminho na construção de significados de vida.

10º Encontro: Painéis de quem sou

Considerando toda a vivência e reconhecimento das trajetórias das idosas através de suas aparências até a velhice, nesse encontro a atividade foi elaborar os intitulados Painéis de quem sou. Para montá-los, as idosas levaram diversos materiais, como revistas, desenhos, colas, acessórios e fotos. Alguns monitores imprimiram palavras e frases ditas pelas idosas que acompanharam para inspirar e ajudar na construção.

A proposta foi que os painéis elaborados pelos respectivos monitores na frente das idosas, que deveriam apenas observar, representassem uma síntese das trajetórias de vida narradas através da própria aparência. A meta foi oportunizar que as idosas analisassem de forma ampla a impressão que tinham gerado nos monitores, sobre si mesmas, além das impressões que os outros participantes teriam delas na etapa seguinte da dinâmica. Vale dizer que as idosas ficaram muito estimuladas, curiosas, e com grande dificuldade para conter comentários e manifestações diversas.

Ao final, os painéis foram expostos lado a lado na parede do corredor do prédio para que cada idosa e os monitores pudessem apreciar todos os painéis (Painel 5). Elas deveriam, ainda, se apresentar aos participantes da oficina por meio do painel que representava a trajetória da sua própria aparência, do ponto de vista do(s) respectivo(s) monitor(es).

Painel 5 – Dinâmica “Painéis de quem sou”



Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Como resultado, todas se sentiram contempladas e representadas em cada criação, como no relato de uma idosa: “*Achei muito bom! Foi muito bem trabalhado. Parece comigo mesmo. Tem a minha cara (risos)*”. Outra ainda mencionou: “*Fiquei feliz que minhas verdades estão aqui (painel). Essa sou eu*”.

Algumas idosas choraram como expressão de muita emoção. Outras discursaram sobre a importância da relação entre diferentes gerações na construção do momento de vida atual delas e da compreensão de toda a trajetória que tiveram. Uma senhora relatou que o contato com gerações mais novas dão “energia” aos idosos. Observou-se um processo de resignificação da vida, que partiu das trocas intergeracionais (Ferrigno, & Côrte, 2016; Lodovici, *et al.*, 2018).

Este encontro encerrou a segunda parte da oficina, centrada na trajetória detalhada e sensível do curso de vida das idosas até então, tendo como mote a construção da aparência e seus significados. A terceira e última parte da proposta envolveu estimular e auxiliar as idosas a pensar estratégias de construção de suas aparências no presente, a partir do consenso elaborado de quem elas eram. Com isso, faltava também agora orquestrar com que roupa elas iriam partir rumo ao futuro, promovendo novas perspectivas e senso de propósito de vida.

11º Encontro: Aparência na velhice em foco - maquiagem e publicidade

No início do encontro foi apresentada uma nova monitora voluntária externa à instituição, convidada pela coordenadora. A nova integrante era psicóloga e especializada em Gerontologia. Participava naquele semestre como ouvinte na disciplina Aspectos Socioculturais do Envelhecimento, ofertada pelo grupo EAPS. Soube da oficina e quis colaborar. Ela foi alocada com uma idosa cuja monitora estava com dificuldades para comparecer no horário.

Em seguida, uma monitora de graduação, encarregou-se de tratar do tema maquiagem, sua especialidade. Sua proposta foi exibir diferentes técnicas usadas para se maquiar, a fim de realçar características desejadas, como a aplicação de produtos iluminadores e maquiagem para diferentes tipos de olhos. As idosas ficaram muito interessadas.

Como segunda atividade, uma monitora publicitária, igualmente convidada externa, apresentou como as aparências femininas, em geral, e de idosos, em particular, vinham sendo expressas pela publicidade. A discussão se pautou em como as representações das mulheres, sobretudo das idosas, não condiziam com a realidade deste segmento social.

Concluiu-se que a propagação de uma imagem específica de feminino incentiva o consumo. A turma apontou que percebiam a produção de padrões de beleza em todas as idades que eram socialmente mais aceitáveis que outras. Usualmente, essa estratégia era usada para a venda de produtos ligados à aparência jovial, como cosméticos, roupas e calçados (Marcelja, 2012). O poder de consumo se tornou uma forma de diferenciação e confirmação de identidades massificadas. No entanto, a profissional apontou que ainda que a mensagem publicitária, no geral, permanecesse fortemente ligada à noção de

juventude eterna, o público estava mudando, pois os velhos estavam sendo vistos também como consumidores ativos.

Durante as apresentações e os debates, as idosas concordaram com a existência de padrões de beleza uniformizados pela publicidade atual. Entretanto, relatavam que seria necessário trabalhar com os diferentes tipos de beleza, reforçando o conceito de heterogeneidade, um dos paradigmas conceituais da oficina.

Nesse sentido, Marceja (2012) diz que o *marketing* tem buscado atender às diferenças na aparência para vender produtos voltados tanto para o rosto quanto para o corpo, por exemplo. Contudo, ao final, uma idosa relatou que ainda é muito abrangente a exposição de padrões específicos de beleza, compondo o imaginário social sobre o que é ter ou adquirir beleza (idem). A participante disse: “[...] *eles inventam muita coisa, sabe, aí a pessoa acaba ficando com vontade*”.

Debert (1997) relata que a publicidade convence, defendendo que as mudanças corporais não são naturais e podem ser mutáveis. Segundo essa ideia publicitária, a aparência desejada pode ser alcançada e é tida como responsabilidade individual. Todavia, nenhuma idosa se sentiu contemplada com a forma com que a mulher, sobretudo a idosa, é representada pela publicidade, no geral.

Crane (2006) compreende que as fotografias da moda iludem as mulheres devido à criação de desejos irrealistas, cuja maioria feminina não consegue satisfazer. A autora ainda afirma que, de modo geral, “as mulheres mais velhas são mais críticas a representações de mídia do que as mais jovens” (p. 205). Por fim, pela exposição excessiva e diária de determinados padrões, as idosas compreenderam que há uma linha tênue entre a aparência desejada e a esperada socialmente.

12º Encontro: Envelhecimento, moda e sustentabilidade

Nesse encontro, dando continuidade ao debate anterior da imagem feminina na publicidade, duas monitoras de graduação, respectivamente de Gerontologia e Têxtil e Moda, prepararam uma apresentação inicial sobre a construção da aparência a partir da perspectiva da moda. Elas exibiram brevemente a mudança da vestimenta feminina na sociedade ocidental ao longo do século XX, destacando como as idosas se vestiam no passado, de modo geral, e como têm se vestido no século XXI. Além disso, ressaltaram as funções das roupas, como proteção e vaidade. Sobre o tema, Soares (2011) exhibe que

as vestimentas dão proteção e conforto. Ainda, segundo o autor, elas também criam desejos e expressam aspectos biopsicossociais dos indivíduos. Melo (2015) também assume as funções das roupas como proteção, decoração e realce dos “atrativos sexuais do seu portador” (p. 19).

As monitoras ainda discutiram sobre o ciclo do consumo excessivo e os danos em termos do descarte de roupas. Também ilustraram o tempo de decomposição de alguns materiais usados na produção de roupas, algo que motivo de surpresa para as participantes. A coordenadora ressaltou que a produção em massa, típica do sistema capitalista, barateia os processos (muitas vezes, ainda provenientes de trabalho escravo), relacionando-se com a homogeneização de padrões estimulados pela publicidade, discutida na aula passada. Uma idosa relatou sua experiência quanto ao consumo de moda na atual fase da vida e o quanto não se sente representada:

“[...] quanto às roupas, modelagens, calçados [...] dá licença, isso está um lixo. Por que eu faço curso de corte e costura? Eu não acho uma peça que seja boa pra mim [...]. É, no geral, porque eu tenho o meu estilo, aí fora, não tem o meu estilo [...]. Eles cortam e é padrão. “Serviu? Serviu. Não serviu? Se vire”.

Outra participante exibiu uma opinião favorável à sua relação com a moda na velhice. No entanto, compartilhou que também faz ajustes nas roupas, quando necessário: *“Eu já acho uma maravilha [...]. Se tá com algum problema, eu mando pra costureira”.*

Foi observado que as idosas aprenderam – por questões econômicas, familiares e culturais – a reutilizar, reformar, emprestar, doar e manter peças bem-conservadas no guarda-roupa, sendo que muitas tinham mães costureiras ou aprenderam a costurar desde muito novas. Crane (2006) aponta que as mulheres do século XIX possuíam grande conhecimento sobre costura, ainda que optassem por criar ou não suas vestimentas. Por isso, para as idosas, concluiu-se que a relação que estabeleceram com as roupas ao longo de suas trajetórias tinham outros significados. Uma idosa expôs que tinha um tecido guardado para fazer uma peça quando emagrecesse. Todavia, esse tecido estava guardado há mais de um ano. Mesmo sem ações que contribuíssem para o seu emagrecimento, ela disse ter muito apego ao tecido e à ideia de que poderia usá-lo quando emagrecesse.

O encontro culminou com uma reflexão sobre aspectos práticos e éticos sobre as ações que cada um exercia em termos de conservação e descarte de peças do vestuário.

Uma idosa ressaltou a importância dos encontros, sobretudo deste, para reavaliar o seu consumo e uso, conscientes e significativos, das suas vestimentas.

13º Encontro: Reciclagem e customização

Após a apresentação e o debate sobre envelhecimento, moda e sustentabilidade, o desafio deste encontro foi a reciclagem e customização. No dia, as participantes doaram para o grupo roupas, acessórios e materiais diversos dos quais queriam desfazer-se. A intenção foi trocar peças que servissem para a customização e consequente criação de uma nova peça de roupa com os respectivos monitores, resumindo o significado da experiência da oficina. A análise do acervo pessoal foi realizada ao longo da semana e visou a refletir sobre os efeitos que a oficina trouxe para a vida das participantes no presente. Com isso, estimulá-las a organizar com mais domínio, originalidade e autonomia a futura trajetória de suas aparências.

A atividade que deu início ao encontro foi uma conversa entre todos sobre os motivos e significados das doações das peças. Em seguida, montou-se uma espécie de banca das trocas. Cada idosa foi convidada a escolher uma nova peça que desse suporte à customização.

Na segunda atividade, cada participante conversou sobre a experiência da oficina com seu respectivo monitor. O diálogo serviu de ferramenta para que os monitores pudessem ajudá-las durante a customização e construção dos sentidos que a nova peça transmitiria como mensagem. A penúltima atividade do encontro foi que cada idosa encontrasse uma palavra que igualmente definisse sua experiência ao longo do semestre. Entretanto, essa reflexão se estendeu até o próximo encontro e foi sugerida também aos monitores.

Customizar foi a última atividade (Painel 6). A dinâmica foi iniciada, mas finalizada durante a semana até o encontro seguinte, no qual elas desfilariam. Esse exercício continuado servia para que iniciassem a despedida do grupo e refletissem o quanto haviam absorvido da oficina.

Painel 6: Idosas customizando as peças que representavam a experiência na oficina

Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

14º Encontro: Desfile de encerramento

No último encontro, a primeira atividade que envolveu todas as participantes foi desfilarem com as peças customizadas. Os monitores compuseram uma espécie de passarela, posicionando-se lado a lado. Uma música foi acionada e, uma a uma, anunciadas pela coordenadora, as idosas entravam desfilando sua peça. Em seguida, foi a vez dos monitores. Sendo filmados e fotografados, envoltos em muitas palmas e elogios, ao final da passarela deveriam olhar para a câmera e mencionar a palavra-síntese que definiram como representativa da experiência na oficina. As mencionadas pelas idosas foram: alegria, autoestima, brilho, confiança, fantástico, protagonismo, restauro, valorização e alegria. A esfera de segurança, confiança e intimidade que foi criada ao longo da oficina estimulou para que todos se sentissem autoconfiantes, à vontade e se divertissem, inclusive os mais tímidos e reservados. O último a desfilarem, em clima de suspense, foi o único homem da oficina, ocasionando manifestações efusivas na plateia (Painel 7).

Painel 7: Desfile das participantes idosas

Fonte: Marliete Rodrigues (2018)

Em seguida, cada monitor fez um registro em áudio do relato de sua respectiva idosa sobre a experiência e a avaliação da oficina. Ao final das gravações, foram feitas fotografias individuais e em grupo de todos os participantes. Em um grande círculo, os participantes avaliaram a oficina e trouxeram contribuições diversas. Além disso, cada integrante recebeu um certificado de participação na oficina elaborado pela coordenadora. Entre abraços e sorrisos, deu-se por encerrada a oficina Com que roupa eu vou? Para concluir, a equipe se reuniu para avaliar a experiência, entendida como positiva e propositiva a todos.

Conquistas, limitações e síntese da estrutura da oficina

Após o último encontro, as idosas foram convidadas a participar de um desfile, ilustrando a apresentação da oficina-piloto no V Congresso Latinoamericano de Universidades com Carreira em Gerontologia, no mesmo ano, realizado na EACH/USP. Elas tiveram liberdade para compor o modelo que melhor comunicasse com que roupa elas deveriam desfilar para apresentar quem eram, refletindo a provocação inicial da oficina.

Além disso, logo em seguida, foi realizada a abertura oficial de uma exposição dos frutos da oficina na biblioteca da EACH/USP, com vigência de três semanas. Uma parte da exposição apresentou os modelos customizados. Foram disponibilizados manequins para expor as peças criadas. Essas foram ambientalizadas em uma espécie de sala de estar, logo na entrada da biblioteca. Na referida sala, foi posicionada uma televisão e exibida uma grande parte dos registros fotográficos realizados ao longo do semestre.

Outra frente da exposição foram os Painéis de quem sou, criados no 10º encontro. Além disso, um dos monitores desenhou retratos individuais das idosas, bem como acrósticos baseados tanto nas palavras-síntese ditas por elas no 14º encontro, como na trajetória de suas aparências ao longo da vida narrada a cada encontro. Por fim, trabalhos científicos realizados por integrantes do EAPS e igualmente apresentados no Congresso foram expostos no formato de pôster. A Figura 1, a seguir, exhibe o convite on-line à exposição da oficina.

Figura 7: Convite à exposição da oficina



Fonte: Marliete Rodrigues, Andrea Lopes (2018)

Destaca-se a presença não apenas da comunidade EACH na exposição, mas também de membros externos presentes no Congresso. Em especial, participantes de grande parte da América Latina, envolvidos no estudo ou atenção a idosos. As participantes ficaram muito emocionadas! Nesse dia, as idosas ganharam de recordação a versão original do desenho e do acróstico, bem como um caderno de anotações feito manualmente por uma das monitoras. O intuito era que servisse de diário das reflexões e investimentos na aparência e seus significados desse dia em diante.

A Figura 8 marca a imagem do banner de abertura da exposição, com a presença das nove participantes da oficina, dando às boas-vindas aos convidados:

Figura 8: Banner de recepção dos convidados da exposição da oficina



Foto: Marliete Rodrigues (2018)

Após o êxito da oficina, o grupo EAPS criou um perfil no Facebook² para compartilhar informações diversas do grupo e suas atividades, assim como assuntos e matérias relacionadas à temática Envelhecimento, Significado e Aparência.

Outra conquista que a versão-piloto da oficina impulsionou ao envolver alunos de graduação, pós-graduação, profissionais externos e idosos da UATI, foi o envio e aprovação institucional de uma proposta híbrida das versões da oficina e da disciplina optativa denominada Envelhecimento e Aparência, também na oferta de disciplinas optativas do curso de Pós-Graduação em Gerontologia. Ou seja, a disciplina deve envolver, portanto, alunos graduação, pós-graduação e extensão. Na proposta, os alunos da graduação de ambos os cursos deveriam atuar diretamente com os participantes idosos e os alunos da pós-graduação se responsabilizariam pela condução das duplas e das discussões teóricas. A iniciativa continuaria a ser coordenada pela docente responsável.

Atualmente, o grupo EAPS tem acompanhado, por meio das redes sociais, as idosas participantes da versão-piloto, a fim de observar possíveis efeitos da oficina nas postagens. No geral, observa-se que parte delas aumentou o número de postagens, compartilhando fotos de passeios, *looks* e cursos, ressaltando sentimentos de felicidade e descoberta pessoal.

Por último, para ilustrar toda a proposta, apresenta-se uma síntese de cada encontro (Tabela 2), para efeitos didáticos:

Tabela 2 - Síntese dos encontros da oficina

Encontros	Objetivos	Atividades	Resultados
1º	Apresentar o EAPS, a proposta da oficina, os monitores, as idosas e seus talentos.	Roda de conversa. Registro fotográfico em grupo e individual de todos os participantes.	Entusiasmo das idosas e monitores pela oficina. Leitura e assinatura do TCLE.
2º	Apresentar e discutir o conceito gerontológico de Envelhecimento e o antropológico de Velhice.	Aula sobre Gerontologia. Dinâmica entre idosos e monitores sobre lembranças significativas da aparência.	Compreensão sobre as diferenças dos conceitos abordados. Relatos da sensação de não pertencimento à atual categoria social. Importância das relações entre diferentes gerações.

² Disponível em: <http://www.facebook.com/grupoeaps>.

3º	Apresentar e discutir o tema Aparência.	Atividade Quem sou eu quando me sinto maravilhosa? Baile.	Sensibilização sobre a construção da aparência e seus significados. Aparência como forma de comunicação e pertencimento social.
4º	Discutir sobre os humanos como seres relacionais. Discutir sobre a participação do idoso na sociedade ocidental.	Aula sobre trocas relacionais. Registro das participantes sobre espaços e papéis sociais para idosos em São Paulo.	Inexistência de modelos de velhice. Novos papéis e espaços para idosos. Participação social também como expressão da aparência.
5º	Recordar lembranças das trajetórias das idosas sob o viés da aparência.	Registro de fotos, arquivos e objetos do acervo pessoal.	Observação de mudanças na aparência ao longo do envelhecimento.
6º	Apresentar as alterações sensoriais e discutir os impactos na aparência.	Apresentação sobre os sentidos do corpo humano.	Compreensão do impacto das alterações sensoriais sobre a (re) construção da aparência.
7º	Apresentar e discutir a infância como categoria social construída socialmente.	Aula sobre a construção social da infância. Dinâmica sobre lembranças da infância e reflexos na aparência.	Estilo de vida durante a infância e impactos na construção da aparência.
8º	Apresentar e discutir a juventude e fase adulta como categorias sociais.	Conversas entre monitores e idosas sobre a juventude e fase adulta.	Como estilos de vida e profissões impactam na construção da aparência durante essas etapas.
9º	Apresentar e discutir a velhice como categoria social e sensibilizar as idosas sobre o momento atual de suas vidas.	Dinâmica Eu sou velho por quê? Conversas entre monitores e idosas.	Sensação de pertencimento social. Riscos da valorização do mito da juventude eterna. Novas preocupações com a aparência.
10º	Revelar as percepções dos monitores baseadas na narração de histórias das idosas.	Criação e exposição dos Painéis de quem sou. Relatos das idosas sobre a produção dos monitores.	Representação positiva das idosas pelos monitores. Importância da intergeracionalidade.
11º	Apresentar técnicas de maquiagem para realces desejados. Expor como a aparência feminina e as idosas são	Apresentações sobre maquiagem e aparência feminina e de idosas na publicidade.	Influência excessiva e abusiva da mídia na produção da aparência. Afirmação da própria beleza e aparência.

	expressas pela publicidade.		
12º	Apresentar a construção da aparência através da moda.	Apresentações sobre moda, vestimenta, consumo e descarte.	Homogeneização da produção de roupas. Reavaliação de consumo e descarte de roupas.
13º	Criar uma peça que resumisse a experiência da oficina sobre a aparência no momento de vida atual.	Doações de peças. Conversas entre monitores e idosas sobre a oficina. Reflexão sobre a palavra-síntese. Customização.	Relato sobre os motivos e significado das doações. Satisfação das peças a serem finalizadas.
14º	Propor uma atividade sintetizadora da oficina. Ilustrar as palavras escolhidas por todos os participantes, sobretudo as idosas.	Desfile e palavra-síntese sobre a experiência da oficina. Fotografias em grupo e individuais. Registro em áudio da experiência das idosas na oficina.	Influência positiva da oficina na construção da aparência e seus significados. Sensibilidade em vestir-se de acordo com as próprias vontades e para si próprias. Reafirmação da importância da heterogeneidade.

Fonte: Renan Rodrigues de Almeida, & Andrea Lopes (2019)

De certa forma, a falta de uma avaliação mais sistemática antes, durante e depois da experiência não faz com que essa experiência-piloto seja generalizável. No entanto, espera-se que a estrutura da proposta inspire novas iniciativas, envolvendo a temática Envelhecimento e Aparência. Para isso, sugere-se a leitura inicial dos textos presentes nas referências bibliográficas.

Por se tratar de uma experiência-piloto, o grupo EAPS organizou os encontros de forma livre e mais flexível, procurando incluir os interesses, talentos e perfis dos próprios participantes na condução das dinâmicas. Isto é, apesar de uma estrutura conceitual cadenciada e concebida previamente com base nas pesquisas realizadas pelo EAPS, não houve uma sistematização quanto às dinâmicas e didáticas adotadas. Optou-se por valorizar os diversos momentos, expectativas e solicitações do grupo.

O número relativamente reduzido de monitores impediu a participação de mais idosos, uma vez que o acompanhamento é individualizado na maioria do tempo. Essa opção restringe a amplitude de dados quantitativos. No entanto, entendeu-se que, se o número de idosos participantes fosse maior, talvez a intensidade e oportunidade de expressão do grupo em todos os encontros fossem comprometidas. Assim, como é

proveniente do perfil antropológico do EAPS, valorizou-se a coleta qualitativa, mesmo que espontânea.

Por fim, outra limitação foi o fato de a oficina ter sido oferecida no período da manhã, o que impossibilitou a participação de um maior número de monitores provenientes do curso de Têxtil e Moda, que é matutino. Essa realidade deu um peso maior à abordagem gerontológica do que à proveniente do campo da moda, da qual algumas idosas sentiram falta. Elas sinalizaram, por exemplo, que gostariam de mais dicas de como se vestir e compor *looks*.

Conclusão

A oficina-piloto Envelhecimento e Aparência: com que roupa eu vou?, proposta e desenvolvida pelo grupo EAPS, foi bem recebida pelos envolvidos e por outros idosos da UATI EACH/USP que manifestaram interesse por essa atividade e se dispuseram a participar dela em futuras edições. A experiência proporcionou às idosas conhecer aspectos teórico-práticos referentes à temática Aparência e Envelhecimento, tanto no âmbito da velhice, como no âmbito das próprias trajetórias pessoais das participantes.

A intervenção estimulou as idosas a reafirmar ou ressignificar suas trajetórias, gostos, estilos, crenças e projetos de futuro quanto à forma que desejavam se apresentar socialmente. Estruturou-se a liberdade para a composição de uma noção original e significativa de beleza na velhice, fortalecendo-as para a identificação e o debate sobre mitos e estereótipos.

Ainda, relataram compreender que a construção da aparência existe para além do ato de vestir uma roupa. Esse investimento também reflete tanto suas trajetórias de vida quanto as influenciam a continuar prestigiando os próprios recursos e percursos de maneira digna e significativa. A aparência como forma de engajamento social e veículo de mensagens de quem são e o que desejam foi aparecendo ao longo dos encontros em um crescente bastante entusiasmado.

Por fim, observou-se que a oficina tornou as idosas mais aptas, disponíveis e autônomas no exercício de reconhecer e administrar perdas e ganhos, na atual fase de suas vidas.

Nesse sentido, a experiência de gerar laços de amizade significativos com os pares etários e pessoas mais jovens gerou senso de pertença e competência social, principal estratégia utilizada nos inúmeros momentos em que se sentiram motivadas a compartilhar desafios e dificuldades ou celebrar conjuntamente alegrias e conquistas.

Referências

Araújo, D. C., & Leoratto, D. (2013). Alterações da silhueta feminina. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, 35(3), 717-739. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892013000300014>.

Aries, P. (2010). *História social da criança e da família*. D. Flaksman, Trad. (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Dora Flaksman, Editora LTC.

Barcelos, R. H., Esteves, P. S., & Slongo, L. A. (2016). A consumidora da terceira idade: moda e identidade. *International Journal of Business & Marketing*, 1(2), 3-18. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <http://www.ijbmkt.org/index.php/ijbmkt/article/view/10>.

Brasil. Ministério da Saúde. (2013). *Estatuto do Idoso*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, (3ª ed., 2ª reimpr.).

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2010). *Política Nacional do Idoso*. Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Brasília, DF.

Ferrigno, J. C., & Côrte, B., (2016). Programas Intergeracionais: estímulo à integração do idoso às demais gerações. In: Freitas, E. V., & Py, L. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 1526-1534. (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.

Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. (2ª ed.). São Paulo, SP: Editora Senac.

Cuche, D. (1998). *Noção de cultura nas Ciências Sociais*. São Paulo, SP: EDUSC.

Debert, G. G. (1997). A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 12(34), 39-56. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/34/rbcs34_03.pdf.

Debert, G. G. (2012). *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.

Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Fuentes, S. A.M. P. S. (2018). *Tecendo o chamado de Atena e Aracne: Atividades em oficinas desenhadas para o segmento idoso*. São Paulo, SP: Portal Edições, 2018.

Gorzoni, M. L., & Fabbri, R. M. A. (2013). *Livro de bolso de Geriatria*. São Paulo, SP: Atheneu.

- Guerra, A. C. L. C., & Caldas, C. P. (2010). Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(6), 2931-2940. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000600031>.
- Lodovici, F. M. M., Fuentes, S. A. M. P. S., Silveira, N. D. R., & Concone, M. H. V. B. (2018). Práticas intergeracionais e Longevidade. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 21(4), 481-503. ISSNprint 1516-2567. ISSNe 2176-901X. Recuperado em 30 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/45980/30480>.
- Lopes, A. (2000). *Os desafios da Gerontologia no Brasil*. Campinas, SP: Alínea.
- Machado, J. G. O., Campos, C. G. O., & Rabelo, D. F. (2013). Treino de habilidades sociais em idosos institucionalizados. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 4(2), 258-265. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072013000200009.
- Machado, A. K. C., & Oliveira, H. C. (2015). *A exclusão social da pessoa idosa e o despreparo para lidar com o envelhecimento humano*. Paraíba, SP: Anais CIEH, 2(1).
- Marcelja, K. G. (2012). *A Beleza como Passaporte Intergeracional*. Dissertação de mestrado em Gerontologia Social. São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Melo, G. M. S. (2015). *A roupa e a morte*. Dissertação de mestrado em Ciências. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14(1), 17-34. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005.
- Neri, A. L. (2007). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na 3ª idade*. São Paulo: SESC Nacional e Perseu Abramo.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. 4.edição. São Paulo, Campinas: Alínea.
- Netto, M. P. (2016) Estudo da Velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: Freitas, E. V., & Py, L. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2-12.
- Picolli, M., Lopes, A., Araújo, J. R. C., & Graeff, B. (2012). Idosos “roqueiros” e a juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 291-312. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17308>.
- Pinto, J. M., & Neri, A. L. (2017). Trajetórias da participação social na velhice: uma revisão sistemática da literatura. *Rev. Bras. Geriatria Gerontologia*, 20(2), 260-273. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v20n2/pt_1809-9823-rbagg-20-02-00259.pdf.
- Pires, B. F., Vicentini, C. G., & Avelar, S. (2015). *Moda, vestimenta, corpo*. São Paulo, SP: Estação das Letras e Cores.

- Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 269-289. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307/30497>.
- Prodanov, L. S., & Reinke, C. (2016). A mulher madura e o consumo de moda no Brasil. *Revista PRÂKSIS*, 1, 121-137. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: [file:///C:/Users/Dados/Downloads/439-1103-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Dados/Downloads/439-1103-1-PB%20(1).pdf).
- Rauth, J., & Py, L. (2016). A história por trás da lei: O histórico, as articulações de movimentos sociais e científicos, e as lideranças políticas envolvidas no processo de constituição da Política Nacional do Idoso. In: Alcântara, A. O., Camarano, A. A., & Giacomini, K. C. (Orgs.). *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: IPEA, 51-62.
- Rodrigues, L. S., & Soares, G.A. (2006). Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. *Revista Ágora*, 4, 1-12. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/1901-Texto%20do%20artigo-3041-1-10-20111214.pdf>.
- Santos, S. S. C. (2004). A Gerontologia à luz da complexidade de Edgar Morin. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*. Volume especial outubro, 22-35.
- Silva, L. R. F. (2008). Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? *Revista de Saúde Coletiva Physis*, 18(4), 801-815. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312008000400011>.
- Silva Junior, J. A., & Oliveira, T.C.S. (2016). Modelagem para idosas: proposta de uma peça de vestuário com diretrizes ergonômicas. *12º Colóquio de Moda, 9ª Edição Internacional, 3º Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda*, 1-16.
- Soares, C. L. (2011). As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). *Revista Pro-Posições*, 22(3), 81-96. Recuperado em 30 outubro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n3/07.pdf>.
- Uchôa, E., Firmo, J. O. A., & Lima-Costa, M. F. (2002). F. Envelhecimento e Saúde: experiência e construção cultural. In Minayo, M. C. S.; Coimbra-Junior, C. E. A. (Orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 25-36.
- Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobras*, 12(16), 228-244. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

Renan Rodrigues de Almeida – Graduação em Gerontologia e colaborador do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: renan.rodrigues.almeida@usp.br

Mariana de Oliveira – Graduação em Gerontologia e colaboradora do grupo (EAPS), ambos da EACH/USP, Brasil.

E-mail: mariana2.oliveira@usp.br

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda, mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos da EACH/USP, Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa e coordenadora da oficina.

E-mail: andrealopes@usp.br